

AÇÃO DIRETA

SEMANARIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

O trabalho deveria ser motivo de alegria, distração, a serviço do progresso e da civilização; os interesses criados da atual sociedade converteram-no em veículo de guerra e rapina, morte e destruição.

ELISEU RECLUS

ANO I

Rio de Janeiro — Sexta-feira, 20 de setembro de 1946

N.º 20

OS MÁRTIRES DA LIBERDADE FEDERICO GARCIA LORCA

«Los caballos negros son
Las herraduras son negras»

Como Buenaventura Durruti, Francisco Ascaso, José Villaverde, Ramón Acín, Sánchez Rosa, Vicente Ballester, e tantos outros brutalmente assassinados pelas hordas funestas do franquismo, o nome de Federico Garcia Lorca — *El Poeta Gitano* — figurará eternamente nas páginas em que a Historia Humana glorifica os mártires da liberdade.

Pertencia Garcia Lorca à *Raça Cigana*, por eles denominada carinhosamente *Raza Calé*, essa família de inquietos e rebeldes, eternos vagabundos, sem pátria e sem leis, e que, embora cheios de vícios e defeitos, amam profundamente a liberdade.

Artistas por excelência e de uma bravura extraordinária, os ciganos enchem com os seus encantos o cenário da vida espanhola. Toureiros que arriscam continuamente a vida ante a fúria selvagem da fera, bailarinos de fama e

POR MANOEL PERES

cantores *flamencos*, são o orgulho da *Raza Calé*. Alguns os combatem porque, ao passarem em caravanas pelos campos da Espanha, roubam alguns burrinhos nas fazendas. Devemos perdoar-lhes esse defeito... Há tantos ladrões impunes pelo mundo...

Garcia Lorca era, para os ciganos, verdadeiro ídolo. De cultura superior e sentimentalismo sublime, ele figurava na vanguarda da inteligência espanhola.

Odiava a *Guardia Civil*, carrascos do povo, inimigos incondicionais dos que lutam pela liberdade, porque os *Tricornios*, nome que os ciganos davam a essa guarda pretoriana, porque usam chapéu de tres bicos, os perseguiam a sangue e fogo.

Escritor e poeta, escreveu obras maravilhosas como *Bodas de Sangre* e, entre os seus

poemas, o *Romance de la Guardia Civil*, no qual atacava duramente os assassinos de seus irmãos de raça. Esse poema foi a causa fundamental da sua morte.

Garcia Lorca nunca foi político, não pertencia às organizações operárias; era apenas artista, artista rebelde, que amava a liberdade e, porque era inteligente e defendia a liberdade a *Guardia Civil* o fuzilou friamente sob os muros de Granada, a cidade que ele tanto amou, essa cidade histórica, último reduto da dominação árabe na Espanha, que ainda ostenta com orgulho, como relíquia daquela maravilhosa civilização, esse monumento artístico que o mundo conhece com o nome de *La Alhambra*.

Como homenagem a esse mártir da liberdade publicamos a seguir o seu poema *Romance de la Guardia Civil*.

ROMANCE DE LA GUARDIA CIVIL

Los caballos negros son.
Las herraduras son negras.
Sobre las capas relucen
manchas de tinta y de cera.
Tienen, por eso no lloran,
de plomo las calaveras.
Con el alma de charol
vienen por la carretera.
Jorobados y nocturnos,
por onde animan ordenan
silencios de goma oscura
y miedos de fina arena.
Pasan, si quieren pasar.
Y ocultan en la cabeza
una vaga astronomia
de pistolas inconcietas.
¡Oh ciudad de los gitanos!
En las esquinas, banderas.
La luna y las calabazas
con las guindas en conserva.
¡O ciudad de los gitanos
Ciudad de dolor y de almizcle,
con las torres de canela.
Cuando llega la noche,
noche que noche nochera,
los gitanos en sus fraguas
forjaban soles y flechas.
Un caballo malherido
llamaba a todas las puertas.
Gallos de vidrio cantaban
por Jerez de la Frontiera.
El viento vuelve desnudo
la esquina de la sorpresa,
en la noche platinoche
noche que noche nochera.

La Virgen y San José
perdieran sus castañuelas
Y buscan a los gitanos
para ver si las encuentran.
La Virgen viene vestida
con un traje de alcadesa,
de papel de chocolate
con los collares de almendras
San José mueve los brazos
bajo una capa de seda.
Detrás va Pedro Domecq
con tres sultanes de Persia.
La luna media soñaba
en éxtasis de cigüeña.



GARCIA LORCA

Estandartes y faroles
invaden las azoteas.
Por los espejos sollozan
bailarinas sin caderas.
Agua y sombra, sombra y agua
por Jerez de la Frontiera

¡Oh ciudad de los gitanos!
En las esquinas, banderas.
Apaga tus verdes luces
que viene la benemérita.
¡Oh ciudad de los gitanos!
¿Quién te vió y no te recuerda?
Dejadla lejos del mar,
sin peines para sus crenchas.

Avanzan de dos en fondo
a la ciudad de la fiesta
Un rumor de siemprevivas
invade las cartucheras.
Avanzan de dos en fondo.
Doble nocturno de tela
el cielo se les antoja
una vitrina de espuelas.

La ciudad, libre de miedo,
multiplicaba sus puertas.
Cuarenta guardias civiles
entraron a saco por ellas.

Por GARCIA LORCA

Los relojes se pararon.
Y el coque de las botellas
se disfrazó de noviembre
para non infundir sospechas.
Un vuelo de gritos largos
se levantó en las valetas.
Los sables cortaron las brisas
que los cascos atropellan.
Por las calles de penumbra
huyen les gitanas viejas
con los caballos dormidos
Y las orzas de moneda.
Por las calles emoinadas
suben las capas siniestras
dejando detrás fugaces
remolinos de tijeras.
En el portal de Belén
los gitanos se congregan.
San José, lleno de heridas
amortaja a una doncella.
Tercos fuziles agudos
por toda la noche suenan.
La Virgen cura a los niños
con salivilla de estrella.
Pero la guardia civil
avanza sembrando hogueras,
donde joven y desnuda
la imagen se quema.
Rosa de los Camborios
gime sentada en su puerta
con sus dos pechos cortados,
puestos en una bandeja.
Y otras muchas corrían
perseguidas por sus trenzas,
en un aire donde estallan
rosas de pólvora negra.
Cuando todos los tejados
eran surcos de la tierra,
el alba meció sus hombros
en largo perfil de piedra.
¡Oh ciudad de los gitanos!
La guardia civil se aleja,
por un túnel de silencio
mientras las llamas te cercan.
¡Oh ciudad de los gitanos!
¿Quién te vió y no te recuerda?
Que te busquen en mi frente.
Juego de luna y arena.

Para que armas?

Jamais governo algum, de tendências fascistas ou democráticas, confessou que seu exército, sua maquinária de guerra tenha finalidade agressiva. Todos juram, que não por culpa, porque se servem de tais poderes para conquistar. Todos afirmam serem as armas necessárias só para frustrar assaltos possíveis dos vizinhos. Em outras palavras quer isso dizer: «Nossos vizinhos podem ter intenções pugnantes e devemos precaver-nos!»

Mas, o vizinho nega seu caráter pugnaz e adentra seu exército só por motivos de legítima defesa.

Cada qual vai achando o outro hipócrita e criminoso pérfido, capaz de assaltá-lo não fosse o medinho de estrear-se.

Todos esses governos inventam, assim, vilezas no vizinho, mas têm, na ponta da língua, constantemente, a palavra *paz*.

Essa situação, já de si tão chocante e pior que a guerra, em última análise é intenção e motivo de guerra porque essa mútua suspeita provoca no vizinho mentalidade hostil.

Com efeito, basta que um governo eleve seus contingentes ou efetue movimentos de tropas nas fronteiras, já o vizinho eriça o pêlo e reage com análogas medidas.

Cria-se imediatamente uma rivalidade e os dois exércitos, feitos a princípio, segundo se alardeava, para defesa, já se vão aguerrendo com espírito de agressividade fácil de explodir.

E' o espetáculo normal, persistente ainda hoje.

Chega-se, finalmente, a provocações e um dia lá rompe a guerra, cujas consequências todos nós conhecemos muito bem. Sabemos que os primeiros tiros marcam o início do calvário dos povos surpreendidos, da anulação de todos os valores morais e espirituais. É o assassinio sistemático, a instigação do povo, opressão e extorsão nacional ao extremo, invenção de armas diabólicas e sua ação contra seres humanos. Proclamações de toda sorte.

(Continua na 4ª pag.)

A Alma de Espanha

HERMOSO PLAJA
(especialmente para Ação Direta)

A alma de Espanha? Não! não é a alma que Sanjurjo pretendeu fazer-nos ver representada nos tricórnios dos guardas civis.

A alma de Espanha está representada nos filhos do trabalho, nos que cavam a terra e a fecundam com seu suor e seu sangue, nos que, trabalhando na oficina e nos profundos abismos das minas, delas extraem suas riquezas para criar quanto a mão e a inteligência do homem é capaz de transformar em elemento de ajuda ao sustento de todos.

A alma de Espanha está inerustada nos que, possuindo grande sensibilidade, sabem interpretar os sentimentos de nosso povo contando, em cálidas e vigorosas estrofes, as grandezas de suas ações viris e humanas.

A alma da Espanha está encarada no trabalho que, dentro de suas ilimitadas facultades intelectuais, realizam os homens, sem descanso, para lograr a elevação moral dos filhos da Ibéria.

A alma da Espanha, o espírito criador dos homens de tempera meridional, está vinculada aos que sabem modelar, com o cizel de Júlio Antônio, as expressões de Cervantes, ou as evocações pictóricas do grande Goya, irmanadas com as agudezas sangrentas de Quevedo e que formam o conjunto de grandezas de uma raça que sabe e é capaz de morrer pela liberdade.

A alma da Espanha não está representada pelas ações dos curas trapeceiros, nem pelos modernos judeus que deixam pe-

(Continua na 3ª pag.)

COISAS DE PORTUGAL

Recebemos o número de agosto do órgão regional C. G. T. publicado em alguma parte de Portugal, evidentemente sem a devida licença policial. Como é a única fonte legítima de informação nossa, transcrevemos os seguintes tópicos.

Ainda mais fome. Vieram a Portugal delegados da UNRRA para tratar da cooperação do país na solução do sinistro problema da fome que flagela a Europa.

Que teria descortinado a UNRRA no nosso país para tal fim? Para acorrer a nossa fome? Parece que não. Para levar? Ninguém mais do que nós, adversos a todo espírito nacionalista, defende a solidariedade entre os povos; mas, nós somos o povo mais esfomeado da Europa: 200 grs. de bacalhau, 2 decilitros de azeite, 1 quilo de açúcar por mês e 200 grs. de pão por dia não será a fome mais tétrica?

Sabemos que o país dispõe de mais do que isso; mas, não sabemos o destino que toma nossa produção. Sabemos que há um mercado negro bem fornecido e não é dêsse que Salazar, bom traficante e omável servidor das democracias, irá tirar a parte a ceder para esse fim humanitário, mas tirá-lo-á certamente das 200 grms. de bacalhau, dos 2 decilitros de azeite da nossa fome rígida e racionada.

Queremos contribuir para o combate à fome que o fascismo de que o Salazar é cúmplice espalhou pelo mundo; mas, o povo tem o direito de dispor do que produz e não ser um borrego de cuja lâ Salazar faça negócio político, continuando a deixar livre e abastecido o mercado negro, alampado nos grêmios e no próprio governo.

Não esqueçamos que somos o povo mais esfomeado e que a

nossa mortalidade infantil e o de-pauperamento físico da Raça tomam proporções assustadoras.

A míngua de alimentos e o escândalo do mercado negro conferem ao povo o direito de assaltar esses armazens repletos onde se açambarca aquilo que certamente não é cedido à UNRRA nem vendido ao povo que tem fome, mas que serve para garantir as lutas digestões dos endinheirados que tudo pagam porque ganham quanto querem.

A Igreja e os Trabalhadores — A Igreja foi a inspiradora de toda a repressão contra o Sindicalismo; todos os governos de índole católica reprimiram sempre os movimentos emancipadores do operariado. E' símbolo perfeito Salazar e o seu sistema político e não esqueçamos o quanto a Voz e Novidades contribuíram para as perseguições à C. G. T. ainda antes de 1926

(Continua na 3ª pag.)

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSE' OITICICA

Continuação do número 19

Essa doutrina assentada nos princípios do socialista alemão Karl Marx e combatida acesa-mente pelos anarquistas, desde Bakúnin, está sendo realizada, desde novembro de 1917, na Rússia, com o nome de bolchevismo.

Para isso, organizaram um Estado intermediário, cujo fundador, o célebre Lênin, calcula que deva durar uns 90 anos. Esse Estado tem as feições de qualquer Estado capitalista e, há nove anos, exerce o terrorismo, não somente sobre os antigos proprietários, mas também sobre qualquer indivíduo, ainda do seu próprio partido, que ouse rebater teoricamente suas afirmações ou contrariar as decisões dos dirigentes (1)

A feição política dêsse Estado é constituída por *soviets* ou assembléias de trabalhadores, podendo ser um *soviet* geral ou congresso de *soviets* locais de operários, camponeses, soldados ou marinheiros. Esses *soviets* são o órgão legislativo, de onde emanam os códigos, leis, programas de governo, diretrizes políticas, etc., etc. O poder executivo consta de um comissariado geral do povo russo, com um presidente eleito pelos *soviets*. Esses comissários correspondem exatamente aos ministros das outras nações. O poder judiciário é exercido por juizes escolhidos pelos *soviets* locais.

A feição militar se manifesta por um exército vermelho, uma esquadra, poderosa aviação de combate e uma polícia a princípios conhecida pelo nome de *Tcheca* e hoje pelo de *G. P. U.* Essa polícia espia minuciosamente os atos de todos os indivíduos suspeitos, persegue os não conformados com a ditadura, encarcera-os ou condena-os sem remissão.

A feição econômica e financeira é caracterizada pelo monopólio financeiro do Estado. Fundou-se um banco do Estado, o único permitido na Rússia, a princípio. Depois, as circunstâncias forçaram os dirigentes a conceder a fundação de bancos estrangeiros fiscalizados pelo Estado. O banco do Estado emite notas sobre lastro ouro, como qualquer outro banco.

Embora na primitiva Constituição russa, houvessem declarado extinta a propriedade particular, basta a existência da moeda, portanto da compra e venda, para mostrar que ela permanece intacta. Apenas o Estado se apropriou

(1) Não esqueça o leitor que este escrito é de 1925

das propriedades imóveis, terras, vias-férreas, casas, fábricas, trapiches, etc., tornando-se proprietário único, mas com todos os característicos do patrão capitalista. Assim, aluga as casas, paga salário aos operários e empregados, retém os lucros das empresas, dispõe do dinheiro apurado como bem lhe apraz.

Para dirigir todos êsses serviços, mantém uma organização autoritária, em pirâmide, perfeitamente análoga às organizações dos demais países capitalistas, tudo sob a mais rígida disciplina. Constituiu-se naturalmente uma colossal burocracia dominante, maior ainda que a do tempo dos tsars.

A feição pedagógica caracteriza-se pela mesma exclusividade do Estado. Todos os ramos da instrução acham-se nas mãos do Estado soviético e orientam-se nos princípios impostos pelos detentores do poder. É crime ensinar, nas universidades ou nos liceus, quaisquer idéias sociais diferentes das pregadas pelos chefes bolchevistas. Só o Estado tem direito de publicar livros, jornais, revistas, e as poucas licenças concedidas a particulares são sempre sob inspeção rigorosa da polícia. Discordar das doutrinas bolchevistas, criticar as medidas de ordem geral, apontar erros, por mais claros, é considerado sinal de tentativa contra-revolucionária e os culpados sofrem imediatamente a ditadura do proletariado.

Os anarquistas se não insurgiram contra semelhante organização pseudo-comunista e contra tais processos de transformação do regime capitalista para o regime comunista. Longe de destruírem a propriedade, eles a reforçaram, porquanto substituíram os possuidores, individualmente fracos, por um possuidor, o Estado, extraordinariamente forte. Os trabalhadores, que nos demais países defendem seu trabalho por meio de greves, sabotagem, boicotagem, luta sindical, valendo-se das fraquezas dos patrões ou da pequena autoridade do Estado, autoridade restringida por leis, pela concorrência, pela opinião pública livre, pelos partidos em lutar, no regime bolchevista vêm-se impossibilitados de qualquer reação por terem acima deles um patrão incomensuravelmente mais forte, uma autoridade sem freios e sem peias.

Os bolchevistas esperam que, mais tarde, normalizadas as coisas, se vá o Estado soviético, por si mesmo, desfazendo da sua autoridade, despatronizando e entregando à coletividade terras, prédios, uzinas, etc., até chegar ao comu-

nismo. Que comunismo seja êsse não nos dizem.

Assim, os socialistas autoritários proclamam, como ideal, uma sociedade sem propriedade particular, comunista; acham, porém, que não se pode instituir tal sociedade sem uma fase intermediária, a ditadura do proletariado.

Entretanto, essa ditadura, como aliás qualquer ditadura, não passa de uma ditadura de partido, a do partido bolchevista, que a si mesmo se intitula *partido comunista*.

Embora queiram um regime comunista, os bolchevistas russos, perseguem os anarquistas com a mais flagrante incoerência, apenas porque estes condenam o processo de transformação social por meio de um Estado intermediário, para eles contraproducente.

Essa rivalidade entre anarquistas e socialistas autoritários vem de longe, desde a luta entre Karl Marx, fundador da social-democracia, e Bakúnin, campeão do anarquismo.

Realmente, os anarquistas condenam êsse socialismo e particularmente o bolchevismo pelas seguintes razões: — 1ª E' insensato manter o Estado, a propriedade sob a forma estatal, a moeda, a autoridade, a burocracia, todas as instituições capitalistas, como meio de passagem para o comunismo, quando nada impediria se iniciasse logo o regime comunista. Os bolchevistas se defendem dessa acusação afirmando que, na Rússia, as circunstâncias obstaram à instituição imediata do comunismo, que eles não são *soñadores* como os anarquistas, mas homens práticos, observadores exatos das condições históricas e meiológicas e por isso tiveram de caminhar um pouco sem ir a fundo, logo de vez, do comunismo integral. Essa defesa é inconsistente. Longe de se pautarem pelas circunstâncias, os bolchevistas, neste particular, não fizeram mais que, de caso pensado, impor às circunstâncias idéias preconcebidas. Com efeito, a teoria do Estado intermediário já vem desde Karl Marx e a ditadura do proletariado se acha, tal qual a exercem os bolchevistas, no *Manifesto Comunista* de Marx e Engels. Demais, os bolchevistas, muito do propósito, destruíram a organização essencialmente comunista que o anarquista Nestor Maknó e seus camaradas iniciaram com admiráveis resultados. — 2ª E' impossível e absurdo querer passar ao comunismo integral servindo-se do Estado como órgão transformador

por ser êle um aparelho diametralmente oposto ao comunismo e seu maior impecilho.

Mas, dizem os bolchevistas, o Estado bolchevista não é semelhante ao Estado capitalista, porque este procura defender a *propriedade privada e regular a concorrência*, ao passo que o outro instituiu uma *propriedade social* e, sendo o dono de tudo, mata a concorrência entre possuidores.

Respondemos que tudo isso é ilusão. Em primeiro lugar, já vimos que ele conserva todas as feições características do Estado capitalista, feições denotadoras da sua função essencial, a de defensor dos possuidores contra os não possuidores. Resta, pois, saber onde se acham esses possuidores, desde que o Estado é dono de tudo.

E aqui chegamos à mais significativa objeção do anarquismo ao bolchevismo. Com efeito, afirmam os anarquistas, a manutenção do Estado, qualquer que ele seja, após a revolução expropriadora, tem por consequência a *formação de nova casta de possuidores*.

O economista francês, Leroy-Beaulieu, num livro célebre sobre o *Estado moderno e suas funções*, demonstrou à evidência o erro fundamental do socialismo de Estado, e um dos pontos principais da sua crítica foi êste: os serviços dirigidos pelo Estado levam à formação de uma *enorme burocracia* dispendiosa, desleixada e autoritária. Organiza-se em casta e é, pouco a pouco, induzida a cuidar mais do seu bem-estar e interesses pessoais, que do serviço público. A tendência dessa burocracia, além disso, é reclamar sempre maiores vencimentos e, para isso arranjam justificativas para comissões, ajuda de custo, verbas especiais, material, etc., etc. Nesse corpo burocrático, os políticos de cima, desejosos de aumentar seu prestígio pessoal, vão metendo seus parentes, os filhos dos amigos, apaniguados de toda espécie, a êles dedicados e fiéis servidores do seu partido.

E' exatamente o que se tem dado na Rússia, onde o desenvolvimento da burocracia bolchevista foi instantâneo e formidável, assumindo proporções jamais vistas. Dessa burocracia se queixa amargamente o maior dos fundadores do bolchevismo. Leão Trotsky. Eis como êle conta uma conversa, a última, com Lênin:

«Lênin mandou chamar-me ao Kremlin, falou-me da espantosa extensão do burocratismo e nosso aparelho soviético e da necessi-

dade de achar uma alavanca para encerrar seriamente essa questão. Propôs criar uma Comissão especial junto ao Comitê Central e convidou-me a tomar parte ativa no trabalho Respondi-lhe: Vladimir Iliitch, minha conyicção é que nos cumpre ter em vista que atualmente, na luta contra o burocratismo, do aparelho soviético, na província como no centro, uma seleção de funcionários e especialistas, membros do partido, sem partido ou meio membros do partido, se vai criando em torno de certos grupos e personalidades dirigentes do Partido, na província, no distrito, na região, no centro, isto é, no Comitê Central, etc. Fazendo pressão sobre o funcionário, vamos tocar no dirigente do Partido, a cujo séquito pertence o especialista, e, na situação atual, eu não desejaria encarregar-me disso. — Vladimir Iliitch refletiu um instante e declarou, reproduzindo quase literariamente suas palavras: — Digo, pois, que importa combater o burocratismo soviético e você propõe se ajunte igualmente o Bureau de organização do Comitê Central? — Surpreendido com essa resposta, pus-me a rir pelo fato de me não haver ocorrido uma formula tão bem acabada. Respondi: — Veremos. — Vladimir Iliitch me disse então: — Pois bem, proponho-lhe fazermos um bloco. — Acrescentei: — Com um homem de bem é muito agradável formar um bloco. — Em definitivo, Vladimir Iliitch me disse e que propunha se criasse junto do Comitê Central uma Comissão de luta contra o burocratismo em geral e que através dela, alcançássemos igualmente o Bureau de organização do Comitê Central».

Outras muitas citações interessantes poderiam ser aqui feitas se tivéssemos espaço. Um comentário, entretanto, convém muito à médua sugerida por Lênin. Nota, com efeito, o leitor que o remédio proposto redundaria num agravamento do burocratismo, pois se aventa a criação de mais um órgão burocrático: a al *Comissão de luta*. A característica mais certa da burocracia estatal é precisamente êste: a proliferação de comissões e subcomissões para tudo.

Continua

AÇÃO ANÁRQUICA

História clerical

HELIO COSTA
(da Juventude Libertária)

Após a revolução francesa, o Papa passou a coroar, não os reis hereditários, mas os novos reis, extorquidores do proletariado, os reis do câmbio. Como tributo, teve de ministrar ao povo o respeito à autoridade e, em troca, recebeu donativos piedosos dos novos reis. Deu títulos, criou outra aristocracia, outro clero; em tudo e por tudo, as mesmas escravidões passadas...

A Igreja ministra o ópio do respeito. O Estado, pela lei, põe em execução o ópio. A burguesia e o clero, tendo arrancadas heróicas solidificaram suas bases com a força, — criaram o militarismo, que se ensoberba de defensor da pátria. O sindicato, expressão livre do proletário, no sentido libertário, transformou-se, pelo organismo estatal e mistificações religiosas, na «blague» da defesa do proletário.

Pelo militarismo executam as leis, todas injustas; pelo sindicato do Estado, destroem as forças libertárias da massa. O líder é ponte que liga o sindicato ao patrão, assalariado do último, que paga suas palavras demagógicas antes da greve. Por intermédio dos líderes, os patrões, antes que os trabalhadores, sabem o início das greves; então, a autoridade corta ao meio o direito do trabalhador, com aumentos irrisórios, aprovados pelo líder, patrão e Estado. A Igreja celebra «Te Deum» em ação de graças.

Hoje, ao fundar-se um sindicato, o padre benze a sede, os associados e os líderes... o mais interessante é que alguns líderes são ateus, materialistas dialéticos!

O padre benze; explora o sentimentalismo piegas; o líder prega a harmonia, e a maioria analfabeta ainda os aplaude, dão vivas aos ídolos e vivas aos líderes.

A Comuna fez estremecer o capitalismo, mas a burguesia estava no apogeu. A comuna foi destruída. E uma das causas foi o colaboracionismo estatal vindo de Marx e Engels, Leão XIII, anos depois, plasmou essa «Rerum Novarum», livro de louvor às classes conservadoras, esmagamento das vontades populares, só possíveis quando houver uma revolução anárquica, em que o povo seja cabeça e não tenha líderes. Um dia, meus amigos, o capitalismo, a Igreja, o Estado, tremeram dos pés à cabeça. Herdeiros de Esparta-

co, heróis indomáveis, elevaram sua voz. Foram os cinco anarquistas de Chicago, cinco apenas, 5 anarquistas com suas vozes uníssonas fizeram tremer a coroa e a tiara; a bolsa este dia não funcionou. «Enforca-me»; «Desprezo seu poder»; «Sou anarquista»; «Não sou assassino»; «Eis-me aqui». Cinco vezes gritam contra a injustiça, exaltam a liberdade. Perecem, mas seu sangue unido ainda rola porque, onde bate um coração anarquista, o seu sangue é o sangue dos mártires de Chicago.

E é ainda porque há quem duvide de que a Igreja seja o reduto onde mofa a ignorância dos séculos, que a humanidade é um vale de lágrimas. A sua própria história o diz. Onde há submissão de qualquer religião, não há liberdade, e onde não há liberdade, em vão, procura o homem sua felicidade.

A alma de Espanha

(Continuação da 2ª pag.)

querruchitos todos os antigos Cresos.

A alma de Espanha não está incrustada nos descendentes dos aristocratas viciosos e envilecidos pelos crimes de sua raça espúria de cainos. Não! não será tal gentilha os que podem reivindicar, como características de nossas virtudes, como exemplo, suas almas de felões e verdugos dos que lhes ganham o pão com o suor de seus rostos.

A alma de Comillas, traficante com venda de negros e fomentador de sua escravidão não é a que representa tantas e tantas virtudes refletidas em todos os fatos que imprimem grandeza à nossa história. A alma dos colonizadores não é a alma dos que sabem que a maior das virtudes nossas é a de semear o amor, a verdade e o sentido da justiça em todos os momentos da vida porque é com esses atributos que também se pode semear o bem.

A alma da Espanha, milenária concepção que precedeu às ânsias morbosas da conquista de nossos antepassados enchendo a história da Espanha de episódios pouco recomendáveis e dando a sensação de estarem eles possuídos da mais vil, mais horrenda concepção do amor a toda a humanidade, não é a que corresponde aos filhos da Ibéria redentora e sonhadora, incrustada nos penhascos de Gibraltar, que, elevando em suas fragas panteagudas ou na orista acessível da mole que viu partir os descobridores do Novo Mundo, soltam o grito de Independência a todos os povos para que seis homens a ouçam!

Esta é a alma de Espanha, da Espanha revolucionária e inteligente, a que aspira a ver redimida, de todas as tiranias, de todos os jugos, a humanidade toda.

Essa e não outra é a alma de Espanha!

Nota. O companheiro Hermoso Playa é um dos valores mais po-

Coisas de Portugal

(Continuação da 2ª pag.)

No final de século passado, quando as idéias socialistas começavam a empolgar o mundo, Leão XIII afeiçoou a Igreja às novas idéias; mas, sofismando-as, inspirou as idéias do corporativismo que serviram de estrutura ao fascismo, e auxiliou o a dominar o mundo. É que a Igreja é a maior potência capitalista do mundo, proprietária de grandes territórios, interessada em muitas empresas capitalistas e bancárias e, por muito que isso possa indignar Cristo, ela governa se só com o ouro dos potentados e não da vérmina que corrói as multidões dos miseráveis.

A guerra destruiu-lhe os planos do novo poderio por detrás do fascismo e, sempre voltada para o lado onde está a força, a Igreja quer ser agora a inspiradora da democracia.

A Igreja pretende pastorear os trabalhadores. O clero ocioso e parasitário pretende ser o santo líder dos que trabalham e aparece a impingir-nos a sua democracia nas tribunas dos partidos democrático-cristãos e em nome de sindicatos católicos made in Roma.

Eis a nova tática do Vaticano: de qualquer modo, em nome de tudo, o domínio das consciências para cavalgarem sossegadamente o dorso do leão trabalhador.

Onde os católicos dominam, reina a miséria, a escravidão, a intolerância, o Tarrafal e o garrote, como em Portugal e Espanha, que são exemplos perfeitos.

Há 20 anos que o povo português suporta o jugo católico... e, que temos? A miséria extrema, a servidão e a violência organizada para reprimir qualquer ai de dor!

Em Portugal, a Igreja, prevenido a queda de Salazar, seu servo, ensaia um partido democrático cristão como o M. R. P. francês e a formação de sindicatos.

É preciso reagir contra a farsa que traz oculto o germe de outro drama como o que estamos sofrendo.

Reforço para Ação Direta

COMPANHEIRO! Você leu AÇÃO DIRETA? Comprou-a sem dúvida, mas saiba que um exemplar de AÇÃO DIRETA, a 50 centavos, dá DEFICIT, porque nos custa 80. Com 40 por cento ao distribuidor, baixa o preço a 30 centavos. De modo que o DEFICIT, em cada exemplar, é de 50 centavos.

Se você deseja cooperar na manutenção de AÇÃO DIRETA, escreva-nos para Rua Buenos Aires, 147, A. 2º andar — Rio, marcando uma contribuição mensal. Nossas contribuições vão de 10 a 200 cruzeiros. A hora é de sacrifícios e o companheiro não deve poupar nenhum para manter e desenvolver nosso periódico.

A causa merece e o exige!

sitivos do movimento anárquico espanhol. Seu ativo anarquista é um labor imenso na imprensa, em numerosas conferências e folhetos sobre anarquismo e sindicalismo. Pertence à F A I e à C N T. Tem fundado várias editoras. Atualmente dirige Solidaridad Obrera e trabalha com o grupo de Tierra Y Libertad. Promoveu a edição do Proletario Militante de Anselmo Lorenzo e projeta outras edições igualmente valiosas.

PARA QUE ARMAS?

(Continuação da 1ª pag.)

te glorificam a matança em massa, a destruição, a rapina, a mentira, as ciladas, eleva a estratégia a ciência, a espionagem complicada a uma arte. Os generais são gênios, artistas sábios, antes glorificados e divinizados.

Assenta essa glória em que? Em cidades destruídas, aldeias em cinzas, campos assolados, mulheres brutalizadas, museus e igrejas despidos, milhões de mortos ou mutilados, viúvas e órfãos aos milhares! Isso é um mínimo quadro dessa glória, dessa arte, úmida de sangue e lágrimas, que os leva em triunfo a heróis nacionais.

O povo é forçado a gastar, ano após ano, sangue e suor em quantias incriveis, em novas aquisições, na conservação de instrumentos de morte, necessários para manter esses deuses da guerra no mesmo nível de civilização dos seus colegas de além fronteiras.

Sob tão desmedido peso, geme o povo, constringido a alimentar-se mal para sustentar essa corte faustosíssima e esse aparato requintado da legítima defesa.

O povo é a vaca leiteira que fornece tudo.

Paga a segurança pública, para nós perigo público muito caro, caro demais. O pobre povo há de dar tudo, os heróis e as vítimas e, quando os generais perdem as guerras, tem o povo de pagar as contas.

Nós, anarquistas, não culpamos o povo, porque sabemos muito bem que os povos não passam de joguetes nas mãos de políticos e banqueiros.

O povo é a paciente besta de carga; paga tudo, paga a vitória, paga a derrota, paga os erros dos governos, as camisas dos graúdos, fardas e canhões; numa palavra, mantém à força de impostos e exações várias, uma classe dominante cujo trabalho produtivo é totalmente nulo!

A exploração particular é uma ninharia comparada à exploração do Estado, ao roubo escandaloso dos governos. Podemos dizer que já não existem povos, senão multidões fiscalizadas de pagadores de impostos.

Canhões em vez de manteiga, quartéis e não escolas, oficiais em lugar de professores! eis o de que mais cuidam os governos hoje para realizar seus programas, firmar suas posições...

Para que tudo isso? Servirá, por ventura, à felicidade geral ou vai servir a certos interesses que o público não deve saber? Nem sombra de probabilidade existe de que o povo se sinta mais próspero e contente após uma vitória.

A paz e a felicidade das nações não podem, de modo algum, basear-se no militarismo porque militarismo é negação da vida e, como tal, é negação da civilização, da liberdade, igualdade e fraternidade.

Se um governo com seus exércitos escraviza um povo vencido, é tão injusto, imoral e criminoso isso, como se um grupo de patriotas extorquisse seu próprio povo.

As nações unidas declaravam solenemente ser finalidade da vitória a destruição do militarismo triunfante na Alemanha.

Cumpriram eles ou estão revelando a mínima intenção de cumprir essa promessa?

Nós, anarquistas, sabemos, de há muito, que nenhum governo jamais cumpriu sua palavra.

Perguntamos: «Não seria sublime ação, alta cultura, declararem as nações unidas vencedoras: Nós, voluntariamente, quebramos nossa espada e destruímos, até o último vestígio, nosso poderio militar?»

Seria esse o único meio de instaurar-se uma paz perpétua, de ventura para a humanidade. Toda paz armada assenta na desconfiança, no ódio, no medo.

Sabemos, ainda, que só um terremoto destruirá o militarismo: mas... os terremotos nunca estrugem por cima, aluem sempre por baixo.

Estamos numa encruzilhada. Seguiremos o caminho da paz verdadeira ou ficaremos chafurdados nos lameiros da força bruta.

Depende isso da nossa vontade homens que sofremos! Pela paz sem canhões, alcançaremos a liberdade e a segurança; com as milícias e as guerras, teremos escravidão perene, destruição e morte.

Escolhamos! Teremos o que merecermos.

GERMINAL

Administração

Pede-se insistentemente aos contribuintes de Ação Direta que não atrasem a remessa das suas contribuições. Qualquer atraso prejudica seriamente a marcha do semanário.

...O povo chinês pôde sempre governar se por si mesmo, e tem-se governado em todos os tempos. Se aquilo a que se dá o nome de «governo» resolve não se ocupar com ele, o povo está sempre pronto a pagar-lhe na mesma moeda. Dai aos chineses dez anos de anarquia durante os quais não se ouça a palavra: governo e eles viverão em paz uns com os outros; prosperarão, cultivarão desertos para os transformar em pomares, fabricando artigos que venderão em todos os mercados do país, e descobrirão os tesouros ocultos da terra — tudo por sua própria conta e só por sua iniciativa. A cultura do ópio cessará porque ninguém os obrigará a fazê-la, e se extinguirá automaticamente. E eles terão feito, além disso, economias para poder enfrentar as eventualidades de inundações e de fomes. Não haja coletorias que afixem à sua porta a tabuleta: «Para enriquecer a nação e engordar o povo». e veremos que a nação ficará rica e o povo gordo.

Lin Yutang, Minha terra e meu Povo, pag. 193

Propaguem

Ação Direta

Apelo aos trabalhadores da terra

O periódico francês *Action Syndicaliste* — órgão da recém-fundada Confederação Nacional do Trabalho (C. N. T.) francesa, promove uma campanha para reivindicar os direitos dos camponeses e levantar a ação revolucionária no tocante à Economia Agrária. É um documento precioso para o movimento anárquico francês, pois assenta os problemas em bases seguras. Ei-lo:

Quais são nossos fins?

1º — Antes do mais queremos realizar a união fraterna e total dos trabalhadores da terra e dos obreiros das cidades, das empresas, operários, técnicos, empregados, pequenos funcionários, intelectuais, sábios, nossos irmãos de miséria.

Sabemos, nós campônios, que nossos camaradas das cidades, mórmente os operários, os empregados, os pequenos funcionários, sofrem cruelmente a escassez do alimento! Nosso primeiro fim será pois fazer o impossível para que nossos companheiros sejam abastecidos convenientemente. Saberemos pôr os poderes públicos em face das próprias responsabilidades. Porque sabemos muito bem que, se existe carência, é que o abastecimento geral é uma vergonha. Conhecemos os remédios. Faremos propostas precisas.

2º Queremos interdizer nossas organizações sindicais à política e aos políticos. Como nossos companheiros das empresas, queremos repartir com base na Carta de Amiens e orientar nossa ação para a realização dos fins gerais do Sindicalismo Revolucionário e, em particular, os dos camponeses sindicalistas.

Queremos abater o capitalismo territorial, os mercadores de bens, todos os parasitas sociais; moveremos, contra todos eles, implacável luta, luta sem tréguas.

3º No plano das reivindicações inediatas.

a) Queremos realizar as justas reivindicações dos operários agrícolas. Na C. N. T., não somos demagogos. Sabemos que os interesses dos operários agrícolas são irredutivelmente opostos aos dos camponeses que os empregam. Convidamo-los pois a entrarem de acordo por meio de convenções coletivas.

b) Defenderemos os pequenos camponeses contra as empresas dos trusts e dos parasitas de toda sorte. Esforçar-nos-emos por estabilizar o justo preço dos produtos agrícolas. Em breve, esperamos, a Confederação Nacional da Agricultura, a C. N. A., agirá de acordo e de igual para igual na gestão da Economia.

O único modo de fazer desaparecer os conflitos sociais é o de fazer desaparecer o proletariado agrícola. Os trabalhadores agrícolas serão transformados em exploradores individuais, ou dentro dos sindicatos agrícolas de comunas, ou em fazendas cooperativas ou coletivas.

Do mesmo modo que os instrumentos de produção devem pertencer aos trabalhadores da indústria, a terra é o instrumento do trabalho do camponês e deve pertencer-lhe.

É nessa base que convidamos todos os trabalhadores agrícolas, toda a pequena lavoura, unida em seus sindicatos, todos os artesãos rurais a se reunirem a nós para fundar a C. N. A.

A C. G. T. traiu os interesses dos trabalhadores agrícolas como os dos trabalhadores de empresas e da indústria.

A C. G. T. quis grupar, no mesmo plano, os mais diversos interesses: obreiros, lavradores, grandes fazendeiros, industriais. Com essas organizações verticais, suas cooperativas departamentais, com ares de trusts que os camponeses querem ver desaparecer. Embora em seu âmbito haja sido reconhecida a incompatibilidade dos mandatos políticos e sindicais, os politiquês, mórmente o partido socialista S. F. I. O. ainda encabeçam a organização. Grandes interesses alheios à Agricultura aí se acham representados. Enfim, seu programa reformista, no plano capitalista, nada tem que possa arrastar a massa dos campônios.

Obreiros agrícolas, pequenos e médios lavradores, artesãos, técnicos da agricultura, vinde para a única organização verdadeiramente sindicalista, a única susceptível de liberar os camponeses asservados, há séculos, ao dinheiro e aos tubarões. Todos, juntos, lado a lado com os trabalhadores de todos os misteres, reconstruiremos nosso país devastado e arruinado pelos políticos. A Revolução agrária será obra nossa; os planos, darvo-los-emos, discuti-los-emos juntos.

Formai vossos sindicatos agrícolas locais, de 2, 3, 5, várias comunas rurais, reunidas num centro coopera-

Realizações anárquicas

No quinquenário francês *Ce qu'il faut dire*, de 1 de junho, um camarada propõe o seguinte:

Alugar uma quinta abandonada, ou quase, num lugar mais próprio à criação que ao plantio (o que reduz ao mínimo os gastos de instalação) situado algures, a uma altitude não excedente 500 metros;

30 hectares de terra lavradia;

70 hectares, no mínimo, de pasto e mata;

peçoal previsto no início: 2 lavradores, 2 pedreiros;

dentro de seis meses: seis pessoas;

dentro de doze meses: dez pessoas;

dentro de dezoito meses: dezesseis pessoas;

aumento do terreno para 200 hectares, da população para 50 pessoas, composta de campônios, marceneiros, mecânicos e jovens pastores;

capital inicial necessário: 1 milhão; cooperativa de produção, conselho de administração comunal, conselho de exploração (1 diretor e 2 delegados); cozinha coletiva, restaurante facultativo; habitação individual ou familiar; albergue da juventude, oficina mecânica, indústria artesã se possível, empresa agrícola, se possível; centro cultural e de diversões, cinema, plano de eletrificação, reserva de alargamento da cooperativa agrícola à medida do desenvolvimento quer por locação, quer por compra.

O projeto parece grandioso, o capital inicial desmedido e inacessível. Na realidade, o mais difícil é achar homens virgens de misticismos que provocam desvios clássicos, devidos ao sectarismo, homens resolvidos a triunfar dos obstáculos e de suas próprias imperfeições.

O projeto vos está apresentado. Refletireis antes de responder. E o aprofundamento virá depois, com o natural amadurecimento de nossas vontades.

Nota (da redação francesa). Entrando esse projeto nos nossos designios práticos, indicados desde o início do nosso período-

tivo, uma comuna. Depois, formareis vossas federações regionais dentro da C. N. A., por sua vez integrada na C. N. T. Campônios de França, coragem e confiança! Em breve, os camponeses, livres das suas servidões, marcharão, de mãos dadas com todos os trabalhadores, para seu destino, que nós queremos pacífico e próspero.

Nota. Damos muita importância a essa projetada sindicalização dos camponeses de França em bases da C. N. T. Bakúin assinalou duas sérias dificuldades para a revolução social em França: a profunda ignorância do camponês e sua aversão secular ao operariado urbano. As duas cousas impossibilitavam a articulação conjunta do proletariado. Ora, se os companheiros de França lograrem a constituição da C. N. A. com bases avareco-sindicalistas, a unificação se dará fatalmente e suas consequências serão, certamente maravilhosas. Devemos acompanhar com interesse tão promissor movimento.

Noticias anárquicas

1. Protesto em Londres contra a política laborista

Celebrou-se em Londres, em julho, um comício anglo-espanhol de protesto contra o chove-não-molha laborista relativamente às diabruras de Franco. Presidiu ao comício o companheiro Ken Hawkes que expôs o assunto resumindo a atitude equívoca e interesseira da Inglaterra. Falou, depois, o conhecido anarquista Garcia Pradas. Segundo ele, o modo de encarar o problema espanhol é um para os políticos e outro para o povo de Espanha. Para este, pouco lhe interessam as manipulações internacionais dos países capitalistas; só lhes interessa a liberdade interna, sua vida e organização íntimas.

Nota de Ação Direta. Pensamos que é chegada a hora de se inaugurarem, por toda parte, empreendimentos anárquicos dessa natureza. É, presentemente, a mais eficiente obra de ação direta. Por esse meio, criam-se centros de vida anárquica que servirão de exemplo aos mais rotineiros trabalhadores. O modo de organização depende do ambiente e das circunstâncias; porém, sendo norteados pelo princípio da não-propriedade e da não-autoridade por força há de produzir comunas lúdimamente anárquicas. Não esquecer que o dinheiro, símbolo e instrumento da propriedade particular, não pode existir no interior da comuna. Igualmente, não é tolerável a troca, porque na troca há propriedade. Por isso, não entendemos aquele termo cooperativo do projeto. Em puro anarquismo não pode haver cooperativismo. Nesses tipos de comuna anárquica, encrustada na sociedade capitalista, o dinheiro será, exclusivamente, para uso externo. Isso é importantíssimo. A manutenção do dinheiro na comuna seria consagração da propriedade acumulável e a comuna seria capitalista, burguesa portanto.

Ora, o que domina o mundo são os interesses capitalistas arvorados em imperialismo, e os imperialismos, quando se defrontam, vão, normal e irresistivelmente, à guerra.

Quanto à Rússia, nenhum pensamento de ajudar o povo espanhol a mover em sua campanha contra Franco. Rússia não pode ser sincera em seu combate, quando, dentro do seu território, mantém o regime fanquista com o mesmo rigor e crueldade. Demais, basta ver as manobras do partido comunista espanhol procurando alianças com todas as tendências reacionárias espanholas e até com algumas que lutaram com Franco durante a guerra civil e com os fascistas arrependidos.

A intenção da Rússia é, como há nove anos, firmar pé na Espanha com sua tal democracia de novo tipo; depois tratará de apossar-se do poder e dominá-la.

A política laborista não difere, em nada, das anteriores e pouco lhe importa a liberdade da Espanha. Querem uma Espanha livre, porém débil, incapaz de fazer-lhe sombra no Mediterrâneo. Demais, precisa de uma Espanha oposta à Rússia para impedir sua influência no ocidente. Logo, mantém Franco, por que não confia na amizade dos republicanos nem dos socialistas espanhóis e muito menos lhe apraz a Espanha em mão de anarquistas.

Assim, o sossego da Inglaterra assenta hoje em Franco, nos seus canhões, embora seja ele fascista e gaste metade do orçamento com a sua milícia.

Falou, finalmente, Tom Brown, representante da Federação Anarquista Inglesa, condenando a atitude dos aliados ante a tirania fascista de Franco. Esse companheiro acentuou, com ênfase, o interesse atual dos Estados Unidos para as potências católicas no ocidente europeu potências que apoiam Franco. Revelou mais que, o anti-fascismo espanhol nada pode esperar de Bevin e recorda que, ao tempo da guerra de Espanha contra Franco, o congresso do Partido Laborista inglês recebeu, da U G T socialista espanhola, um pedido de luta contra a não intervenção em Espanha. Ora, Bevin, em nome do Partido, respondeu à delegação espanhola que o movimento socialista britânico recusava tal pedido porque suas decisões não podiam ser influenciadas pela guerra espanhola.